



“Quando a gente gosta, é claro que a gente cuida!”: Experiências de acolhimento na Educação de Jovens e Adultos

“When we love someone, of course we care for them!”: Experiences of welcoming in Youth and Adult Education

“¡Cuando amamos a alguien, por supuesto que nos importa!”: Experiencias de acogida en la Educación de Jóvenes y Adultos

Janaina Garcia Sanches¹

Professora de Educação Física do Colégio de Aplicação João XXIII – Depto. de Educação Física/UFJF, Juiz de Fora/MG, Brasil

Patrícia Rafaela Otoni Ribeiro²

Professora de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação João XXIII – Depto. de Letras e Artes/UFJF, Juiz de Fora/MG, Brasil

Recebido em: 28/09/2025

Aceito em: 01/12/2026

Resumo

Este trabalho relata a experiência de uma proposta de acolhimento no ambiente escolar, desenvolvida junto a estudantes jovens, adultos e idosos matriculados no Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora. A iniciativa teve como premissa a necessidade de cuidar/cuidado, especialmente diante dos desafios enfrentados logo após o retorno ao ensino presencial. Assim, desde 2022, a ação visa oferecer um momento diferenciado para os estudantes, a partir de um ambiente organizado para a escuta, afeto e/ou até mesmo silêncio. Trata-se de uma proposta em constante processo de desenvolvimento e que traz experiências profundas e genuínas para todos os participantes.

Palavras-chave: Acolhimento. Cuidar/cuidado. Educação para pessoas jovens, adultas e idosas.

Abstract

This paper reports on the experience of a welcoming initiative in a school setting with young, adult, and elderly students enrolled at Colégio de Aplicação João XXIII of the Federal University of Juiz de Fora. The initiative was based on the need for care, especially given the challenges faced immediately after the return to in-person learning. Since 2022, the action has been aiming to offer a unique moment for students, providing an environment designed for attentive listening, affection, and/or even silence. This initiative is continuously evolving and provides profound and genuine experiences to all participants.

Keywords: Welcoming. Care. Education for young, adult, and elderly people.

¹ janaina.sanches@ufjf.br.

² patriciaotoni@ufjf.br.

Resumen

Este artículo relata la experiencia de una iniciativa de acogida en el entorno escolar, desarrollada con estudiantes jóvenes, adultos y personas mayores del Colégio de Aplicação João XXIII de la Universidad Federal de Juiz de Fora. La iniciativa se basó en la necesidad de cuidado, especialmente ante los desafíos enfrentados inmediatamente después del regreso a la enseñanza presencial. Así, desde 2022, la acción busca ofrecer un momento diferenciado para los estudiantes, a partir de un entorno organizado para la escucha, el afecto e incluso el silencio. Se trata de una propuesta en constante proceso de desarrollo, que aporta experiencias profundas y genuinas a todos los participantes.

Palabras clave: Acogida. Cuidado. Educación para jóvenes, adultos y personas mayores.

Introdução

“Quando a gente gosta, é claro que a gente cuida!” é um verso da canção “Sozinho”, de Peninha, que ficou muito conhecida na voz do intérprete Caetano Veloso, no ano de 1998, e que, por sua vez, acabou inspirando a denominação do projeto de acolhimento voltado para os(as) estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA)³ do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Devido a sua representatividade, também é uma das frases grafadas em um dos quadrinhos decorativos que foram adquiridos especialmente para serem usados no espaço/ambiente que é organizado para a finalidade do projeto em questão. Contudo, a despeito do teor lírico desta canção, a motivação para o desenvolvimento da ação, que será apresentada neste texto, partiu de uma grande preocupação diante do acirramento de conflitos observado entre os(as) estudantes no cotidiano das aulas, logo após o retorno do ensino presencial, por ocasião de um período prolongado de afastamento das atividades escolares, em função da pandemia⁴ provocada pela Covid-19.

Assim, no “silêncio da noite”, após encerrar o expediente de aulas, deixávamos a escola muito

³ A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma das modalidades de ensino existentes em nosso país. O Art. 17 da Lei 9.394/96 – lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional – assegura que “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”, sendo garantida a oferta de forma gratuita e a permanência pelos sistemas de ensino por meio de oportunidades educacionais adequadas ao seu público-alvo, conforme seus interesses, condições de vida e de trabalho. De acordo com a resolução que trata sobre as atuais Diretrizes Operacionais Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, publicada em abril de 2025, está explicitado em seu Art. 2º o dever do Estado em garantir “o cumprimento do direito de toda pessoa à Educação Básica, garantindo o acesso ao Ensino Fundamental e ao Ensino Médio e oportunizar a ampliação da escolarização de seu público” (RESOLUÇÃO CNE/CEB N. 3/2025). Além disso, a edição dessa resolução inclui o público idoso – ao lado dos jovens e dos adultos – a ser abrangido por essa modalidade de ensino, bem como a explicitação das pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades e superdotação, que deverão ter assegurados o acesso, a permanência, a participação e a aprendizagem nesta modalidade de ensino.

⁴ A interrupção das atividades escolares por conta da pandemia de Covid-19 em todas as unidades acadêmicas da Universidade Federal de Juiz de Fora – incluindo o Colégio de Aplicação João XXIII – aconteceu em 17 de março de 2020. Em novembro de 2021, foi iniciado um retorno parcial/gradativo das atividades no ensino regular (diurno), mas as atividades presenciais da Educação de Jovens e Adultos (ensino noturno) só aconteceram em fevereiro de 2022.

impactados(as) com as ocorrências registradas; seguíamos refletindo, dia após dia e noite após noite, sobre como lidar com os conflitos que eclodiam com tamanha intensidade. Vale ressaltar que o clima de animosidade entre os(as) estudantes estava afetando o próprio desenvolvimento da rotina de aulas, pois boa parte dos(as) professores(as) e bolsistas, bem como a coordenação de segmento de ensino que atuavam à época da ocorrência dessa situação, iniciavam o turno de trabalho com algum nível de apreensão acerca da possibilidade de desencadeamento de brigas e desentendimentos entre os(as) estudantes.

Ao refletir sobre essa problemática, especialmente sobre as possíveis estratégias a serem adotadas para o enfrentamento/resolução de tais conflitos, entendemos que seria necessário compreender onde estava o cerne da questão, ou seja, deveríamos identificar com clareza os motivos geradores dos desentendimentos entre os(as) estudantes. Entretanto, para realizar essa identificação de forma clara, seria necessário também conhecer melhor esse público e as relações que eram estabelecidas entre eles. A partir desse entendimento, compreendemos que seria importante buscar referências sobre como enfrentar a situação; ao lado disso, considerou-se também a necessidade de criar uma estratégia de aproximação junto aos(às) estudantes. E a estratégia encontrada por uma das autoras deste relato de experiência foi a proposição de uma ação de acolhimento que será apresentada neste trabalho.

Considerações preliminares

Ao desenvolvermos esse relato de experiência, consideramos imprescindível revisitar o texto de Jorge Larrosa Bondía (2002) – “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” – dado o seu teor inspirador para a escrita deste trabalho. Nesse texto, Bondía propõe que seja explorado um outro caminho reflexivo para além dos habituais binômios “ciência/técnica” ou “teoria/prática”. Nesse sentido, ele busca por uma perspectiva “mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista), a saber, pensar a educação a partir do par experiência/sentido” (Bondía, 2002, p. 19).

Nessa esteira, elaborar um trabalho acadêmico na modalidade “relato de experiência” significa eleger algo que tenha um caráter muito significativo para quem o viveu, verdadeiramente especial. Sendo assim,

a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos

aconteça. [...] Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (Bondía, 2002, p. 21).

O autor em tela explica que a escassez de experiências pode ser atribuída aos seguintes fatores: a) pelo excesso de informação; b) por excesso de opinião; c) pela falta de tempo; d) pelo excesso de trabalho. Para quem atua na docência, não é difícil constatar que o cotidiano do trabalho docente é atravessado por todos esses fatores mencionados, contudo, em um movimento de resistência e, portanto, contra-hegemônico, colocamo-nos em busca permanente por práticas que possam ressoar junto aos(as) nossos(as) estudantes e, ao mesmo tempo, dar um novo sentido que nutra o nosso fazer professoral. Assim, muitas vezes, somos guiados por processos intuitivos e sem precedentes teórico-metodológicos nas nossas escolhas no campo pedagógico, embora tenhamos reservas em assumir tal conduta diante dos nossos pares.

A experiência se trata, portanto, do ato de provar, tentar, experimentar, ou seja, lançar-se em uma experiência propriamente dita! E, ao nos colocarmos em um processo de experiência, estamos nos expondo, nos colocando em risco e vulnerabilidade, como aponta o autor com o qual estamos aqui em diálogo. Colocar-se em experiência pode ser equiparado a um ato de coragem, por assim dizer, especialmente se tratando do campo pedagógico no qual somos a todo momento vitrines e estamos sujeitos a julgamentos e condenações o tempo todo sem, muitas vezes, a oportunidade de argumentação por uma defesa.

Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (Bondía, 2002, p. 21).

Diante do exposto, não poderíamos deixar de destacar que o fato de atuarmos em um colégio de aplicação nos coloca em uma condição mais favorável e encorajadora para o desenvolvimento de propostas diferenciadas, já que além de ser campo para a realização de ensino, pesquisa e extensão, o seu foco está voltado para a inovação pedagógica e formação docente, conforme os princípios que orientaram a sua criação: experimentação – que extrapola o sentido restrito de experimento; demonstração – sem se pretender prescritivo; e aplicação – que nada tem a ver com uma perspectiva aplicacionista. Mas, por outro lado, é fato também que, por vezes, sentimo-nos extremamente temerosos, acuados e intimidados, considerando que vivemos em tempos marcados pelo avanço de discursos de ódio e ideais neoconservadores, a nível mundial, que se disseminam em diferentes espaços

sociais, inclusive, nos espaços institucionais como as universidades e as escolas, com ataques e hostilidades direcionados aos(as) professores(as), tendo em conta o risco que estes representam para o estabelecimento e consolidação de projetos hegemônicos que vêm se impondo em escala planetária.

Acolhimento e o cuidar

A palavra acolher tem origem no latim “colligere” e significa “recolher”, “juntar” ou “reunir”. Essa palavra expressa bem a intenção inicial da ação proposta pelo projeto de acolhimento “Quando a gente gosta, é claro que a gente cuida!”: tentativa de recolher e juntar os cacos de relações abaladas pelos conflitos geracionais e comportamentos transfóbicos observados entre os(as) estudantes.

Em nosso país, o tema “acolhimento” é um tema fortemente vinculado à área da saúde, sendo destacado a nível da Política Nacional de Humanização. Tem-se feito presente nas escolas como uma preocupação que se manifesta em diferentes situações e assume variadas formas, com forte apelo no momento de retorno às aulas, após o período de férias; quando as crianças pequenas e suas famílias chegam à escola; ou na ocorrência de tragédias.

Na história recente, observa-se uma preocupação crescente com a dimensão do acolhimento em razão da pandemia de Covid-19, que intensificou a vulnerabilidade de muitas pessoas — seja pelas perdas de entes queridos, pelo medo de adoecer e morrer ou pelas consequências econômicas e socioemocionais decorrentes da privação da convivência presencial.

Tal preocupação motivou a realização de *lives* que foram veiculadas por diferentes plataformas de *streaming* e a produção de materiais sobre esse tema - tanto por parte de entidades públicas (Secretaria de Estado de Educação de São Paulo, s.d.) quanto privadas (Conselho Nacional de Secretários de Educação, 2023; Instituto Península, s.d.); no projeto *Multivozes na Escola*, por meio da publicação de Moura, Dugacsek e Fernandes (2021), bem como em iniciativas independentes (Nogueira; Bruce, 2024). Embora muitas publicações que tratam do tema deem destaque a estratégias e propostas de acolhimento voltadas especificamente ao ambiente escolar, é importante destacar que essa prática não se resume a ações pontuais. Para que se efetive no cotidiano das instituições, o acolhimento precisa se manifestar em diferentes gestos e atitudes, como atenção e cuidado ao se dirigir às pessoas, disponibilidade para escuta, demonstrações de empatia e expressões de afetividade, entre outras ações.

Acolher também nos remete a cuidar – uma das preocupações que se fazem presentes no ambiente escolar, mas que, historicamente, esteve mais diretamente relacionada ao público atendido pela Educação Infantil e pelos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Em relação a esse ponto, traremos

aqui algumas reflexões propostas por Leonardo Boff (2013) e Daniela Celeste Contim dos Santos (2015) por entendermos a pertinência de suas obras na abordagem deste relato de experiência.

Leonardo Boff é um dos autores que se dedicou ao tema do cuidar/cuidado, em sua obra (op. cit.). Ele argumenta que a crise contemporânea possui uma singularidade própria, marcada pela situação crítica que atravessa a humanidade. Segundo o autor, a espécie humana corre o risco de desaparecer em razão da grave ameaça que ela mesma impõe à continuidade da vida no planeta, ao degradar de forma acelerada os recursos naturais.

Nessa perspectiva, para Boff (2013), o cuidado representa uma relação de amor e de respeito, pressupondo que a nossa espécie é parte da natureza e que, portanto, temos o compromisso de cuidá-la – e isso, por sua vez, implica em assumir um novo paradigma de relacionamento com a própria vida, significando uma revolução espiritual no sentido de que nos tornemos sensíveis à solidariedade, à cooperação, à compaixão, à fraternidade universal e à justiça para com todos.

Santos (2015) propõe uma reflexão sobre o cuidado a partir de como este é performed nas práticas realizadas nos espaços escolares, baseada na orientação teórico-metodológica da Teoria Ator-Rede (TAR), considerando especialmente as contribuições apresentadas na obra de Annemarie Mol (2006). Santos (2015) explica que tais contribuições evidenciam que o cuidado tem uma lógica própria, sendo esta denominada de “lógica do cuidado”. Pensar o cuidado na perspectiva da Teoria Ator-Rede é considerar que existem diferentes formas de se estabelecer relações de cuidado, nas quais são considerados todos os atores envolvidos no processo e compreendendo este em uma dimensão de ensino-aprendizagem que abrange afetividade e cognição.

Em síntese, a “lógica do cuidado” busca superar a herança de um modelo clínico (área da saúde) que se baseia na relação em que há uma pessoa que cuida e outra que é cuidada, sendo esta a forma de cuidado mais comumente reconhecida. Na perspectiva da “lógica do cuidado”, entende-se que o cuidado é um processo dinâmico e, portanto, aberto a diferentes possibilidades de ação; configura-se como via de mão dupla, nas quais todos os atores envolvidos são protagonistas, havendo encorajamento para que as pessoas cuidem não só de si, mas umas das outras. Partindo das premissas apontadas sobre a “lógica do cuidado”, Santos (2015) sustenta que,

estudar de forma aprofundada as práticas de cuidado nos espaços escolares, pode nos ensinar acerca de nossa sensibilidade para com o cuidar na escola, repensando as práticas de cuidado tradicionalmente vistas em escolas, onde geralmente o professor ou funcionários da escola dizem o que se deve fazer (Santos, 2015, p. 138).

Inspirados pela perspectiva da “lógica do cuidado”, acreditamos que a experiência

desenvolvida em nossa escola - que será apresentada a seguir - tenha o potencial de fomentar relações dinâmicas de cuidado, uma vez que está aberta para diferentes possibilidades de ação e para o protagonismo de diferentes atores nesse processo.

Experiência em cena

Consideramos oportuno retomar algumas considerações de Jorge Larrosa Bondía, quando este discorre sobre o saber da experiência:

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. E esse saber da experiência tem algumas características essenciais que o opõe, ponto por ponto, ao que entendemos como conhecimento. Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo) (Bondía, 2002, p. 27).

Nesse sentido, o espaço de acolhimento criado para os(as) estudantes da Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF⁵ pode ser reconhecido a partir do mosaico de registros fotográficos na figura a seguir, que reúne não apenas registros sobre a maneira como o referido espaço de acolhimento se organiza, mas, fundamentalmente, a concepção que o envolve em seu processo de constituição. Assim, buscou-se criar um ambiente diferenciado dentro da escola e que, de fato, pudesse se mostrar acolhedor e, ao mesmo tempo, instigante e interativo, considerando também as nossas condições/limitações objetivas para tal.

⁵ A faixa etária do público atendido por essa modalidade de ensino no Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF varia, atualmente, entre 18 e 67 anos de idade; a maior concentração está na faixa de 18 a 30 anos [dados referentes aos(as) estudantes matriculados no 2º semestre letivo de 2025].

Figura 1

Registros (mosaico) do espaço de acolhimento organizado para os(as) estudantes da Educação de Jovens e Adultos do C. A. João XXIII/UFJF.⁶



Fonte: Acervo pessoal (2022; 2025); Instagram da Educação de Jovens e Adultos do C. A. João XXIII. (Disponível em: <https://www.instagram.com/eja.capjoaoxxiii/>. Acesso em: 18 set. 2025).

Nesse sentido, para a realização dessa proposta, é utilizada uma sala de aula comum que fica disponível à noite no primeiro andar do prédio onde funcionam as aulas da EJA, ficando visível aos(as) estudantes quando estes chegam para o seu turno de aulas no colégio. Nos dias de funcionamento desse espaço, a sala é organizada para receber os(as) estudantes, sendo montada especificamente para o desenvolvimento das atividades propostas e desmontada ao final. Atualmente, o acesso fica disponível das 18h às 20h30, uma noite por semana, recebendo estudantes que chegam mais cedo ao colégio, entre 18h e 18h30; e no horário do intervalo, das 20h às 20h15. Contudo, há situações em que alguns(as) estudantes procuram o espaço de acolhimento em momentos de menor fluxo — sobretudo após o intervalo — e, em certas ocasiões, acabamos estendendo o horário de funcionamento para atender a essa demanda. A sala é ambientada com incenso e, na entrada, há um quadrinho com mensagem. Em seu interior, som ambiente, luz baixa/suave e quadrinhos com mensagens espalhados

⁶ Registros realizados mediante esclarecimento e consentimento prévio dos frequentadores deste espaço que aparecem no mosaico.

no quadro branco e nas janelas. Também é organizada uma mesa com chás (do tipo sachê) de diferentes sabores, para que os próprios estudantes preparem a sua bebida, caso desejem degustar alguma das opções disponibilizadas. Todo o processo é intencional e estimula os sentidos do cuidar/cuidado em sua sinestesia (olfato, paladar, visão, tato e audição).

Também são disponibilizados materiais para que os(as) estudantes possam interagir: baralhos e livros com mensagens que podem ser consultados e registrados por foto/celular para que, dessa maneira, possam levar consigo a mensagem que acessaram e, assim, seguir refletindo em casa. Não é raro os(as) estudantes manifestarem a necessidade de dialogar sobre as mensagens acessadas com o intuito de não apenas compreenderem o seu conteúdo, mas também de compartilhar como foram tocados por elas.

Quando essa ação foi iniciada, em 2022, também eram disponibilizados incensos para os(as) estudantes levarem para casa, se assim desejassem. Além disso, era ofertado material impresso para colorir com o tema de mandalas e folhas em branco para desenho/registro livre. Contudo, apesar dessas duas opções terem repercutido positivamente no conjunto geral da proposta, elas foram colocadas em suspenso, tendo em vista dois aspectos: 1) o curto período de tempo em que os(as) estudantes dispunham para frequentar o espaço em questão e que, portanto, inviabilizava a realização de uma tarefa mais demorada, como a de colorir ou mesmo realizar um desenho/registro livre; 2) a dispersão criada entre os(as) mesmos(as) pelo excesso de opções para explorar no referido espaço.

Atualmente, a sala do espaço de acolhimento permanece com as portas abertas durante o seu horário de funcionamento; os(as) estudantes são reiteradamente convidados a visitá-la, mas vale ressaltar que a visita/participação deve ocorrer de forma espontânea. Observamos que sempre há um grupo mais assíduo, que constantemente marca presença quando a atividade é realizada; mas há aqueles(as) que visitam o espaço de forma eventual, como há também os(as) que nunca passaram por lá — algo para investigar e tentar compreender o motivo desse comportamento.

No decorrer do período de funcionamento dessa ação, temos percebido que esse espaço tem se revelado não somente como uma oportunidade de aproximação entre as pessoas que o frequentam — estudantes, bolsistas, professores(as) e trabalhadores(as) terceirizados(as) —, mas também como um momento para pausar o correr da vida cotidiana que, na maioria das vezes, é bastante agitada e desgastante. Eventualmente, para além dos assuntos mais corriqueiros do dia a dia que acabam surgindo ao redor da mesa do chá, as pessoas compartilham questões pessoais, como angústias, preocupações, êxitos e fracassos; e, à medida que o fazem, exercemos o ato da escuta ativa — uma forma essencial de acolhimento. Se o disparador para a proposição desta ação fora a preocupação com

os conflitos acirrados entre os estudantes que se anunciaram em 2022, a sua continuidade, no momento atual, já não mais se sustenta nessa motivação inicial, apesar de contribuir, em alguma medida, para a compreensão das relações que os(as) estudantes estabelecem entre si e com a escola. Entendemos que "juntando o antes, o agora e o depois", a proposta de acolhimento se reconfigura em seus efeitos, mas mantém, bem marcada, sua dimensão de cuidar/cuidado.

Em 2025, por exemplo, pudemos observar que a própria experiência de "se sentar à mesa" era um desafio para os(as) estudantes. Alguns entravam no ambiente, circulavam, mas não se sentavam ao redor da mesa. Isso diz muito sobre a falta de tempo e de autocuidado. Era o corpo pedindo "um pouco mais de calma, um pouco mais de alma...", como na canção "Paciência", de Lenine. Também observamos o estranhamento e até a recusa inicial frente ao ato de cuidado, representados, de forma metafórica, pelo discurso de "eu não gosto de chá" — sem, ao menos, tê-los experimentado. Com a sequência das ações, foi nítido que começaram a gostar dos chás, aprenderam sobre cuidar/cuidado nos pequenos gestos. Essa experiência reflete, em múltiplas dimensões humanas, mas, de forma especial, no (res)significar do que é a escola para o público da modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Considerações finais

Para nós, relatar uma experiência é dizer de algo que nos tocou profundamente, que nos mobilizou de uma maneira especial em função de um propósito! No início, nos lançamos na experiência diante de uma urgência, tendo apenas algumas ideias (e muitos receios também!) e um caminho para trilhar, caminho esse que não é unidirecional e nem totalmente conhecido, previamente; ao contrário, é atravessado por altos e baixos, idas e vindas, pausas e retomadas, durante a jornada. O momento atual do projeto é especialmente significativo, pois marca sua retomada, após um longo período de pausa. Além disso, o acúmulo de reflexões produzidas ao longo desse processo nos permitiu elaborar algumas sínteses preliminares, a partir das quais buscamos compartilhar, aqui, os saberes constituídos nessa experiência.

As oportunidades de acolhimento no ambiente escolar precisam ser entendidas como ações que visam proporcionar bem-estar a todas as pessoas que habitam esse espaço, cotidianamente, para além de uma recepção/atenção em situações emergenciais e/ou de crise. Bem-estar este que se articula com a perspectiva do bem viver e conviver como propõe Alberto Acosta (2016), onde tenhamos uma chance para construirmos coletivamente outra forma de viver, com mais equilíbrio e harmonia na convivência entre os diferentes seres que coexistem neste planeta.

Em se tratando de um colégio de aplicação – espaço por excelência destinado à realização de experiências educacionais inovadoras e à formação de professores –, cabe registrar a relevância da realização de ações de acolhimento no ambiente escolar, de modo que estas têm o potencial de se constituírem como importantes referências no processo de formação docente (inicial e continuada), podendo contribuir para a prática pedagógica dos mesmos, bem como fornecer subsídios para o desenvolvimento de possíveis políticas de acolhimento estudantil.

Que possamos imaginar outras formas de habitar e existir no ambiente escolar. Que tenhamos outras oportunidades de viver experiências no nosso Colégio de Aplicação João XXIII. E, por fim, que possamos inspirar e encorajar outros e outras colegas de jornada docente na busca por práticas que proporcionem escuta, alento e transformação no ambiente escolar. Embora essa ação se encontre em permanente processo de desenvolvimento desde que fora iniciada – e assim seguirá enquanto for ofertada –, entendemos que o momento comemorativo dos sessenta anos do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF, constitui-se em uma oportunidade ímpar para compartilhar experiências tão genuínas como essa que ora apresentamos.

Referências

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária; Elefante, 2016.

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BONDÍÁ, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 7 set. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 3, de 08 de abril de 2025. Institui as Diretrizes Operacionais Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos – EJA. *Diário Oficial da União*, Seção 1, Brasília, 9 abr. 2025.

CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE EDUCAÇÃO (CONSED). **Boas práticas de acolhimento e bem-estar nas escolas brasileiras**. YouTube, 7 dez. 2023.

Disponível em: <https://www.youtube.com/live/zlGG3uopyH8>. Acesso em: 31 ago. 2025.

INSTITUTO PENÍNSULA. **Orientações de acolhimento para professores**. 2020.

Disponível em: https://institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2020/08/instituto-peninsula_rp_08-ago_nota-tecnica_arte_programa-de-acolhimento-v4.pdf. Acesso em: 30 ago. 2025.

LENINE; FALCÃO, Dudu. **Paciência**. Intérprete: Lenine. Álbum *Na Pressão*. Rio de Janeiro: BMG, 1999.

MOURA, Isabel Cristina de; DUGACSEK, Jéssica Vilar; FERNANDES, Mariana Correa. **Construindo espaços de acolhimento**: a importância do cuidado socioemocional no retorno às aulas no contexto da Covid-19. São Paulo: Versos, 2021.

NOGUEIRA, Janaina; BRUCE, Jeferson (orgs.). **Projeto acolhimento**: uma roda de conversa sobre saúde mental para além dos muros da escola. Curitiba: Appris, 2024.

PENINHA. **Sozinho**. Intérprete: Caetano Veloso. Álbum *Prenda Minha*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1998.

SANTOS, Daniela Celeste Contim dos. O cuidado no espaço escolar: ampliando as possibilidades de cuidar. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 15, n. spe, p. 1329-1344, dez. 2015.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000400012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 ago. 2025.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO. Procedimento passo a passo: acolhimento. In: **Currículo em ação**: procedimento passo a passo. [Versão preliminar]. p. 6-18.

Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/ensinointegral/wp-content/uploads/2022/01/Caderno-do-Professor-Procedimento-Passo-a-Passo-Volume-Unico.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2025.

Revisão textual e de normas da ABNT realizada por: Sabrina Silva Souza.